

Chiquinho  
Mário

Uma exposição de motivos no presente trabalho é indicada. Porque a decisão de analisar um estudo de alguns problemas ligados à tradução foi tomada, não ao acaso, em situação relativamente complexa. A decisão não visa exclusivamente, e nem preferencialmente, fornecer uma espécie de guia para tradutores. É verdade que há uma preocupação de ser útil, de ser forma ou outra, aos que estão dedicados à prática de tradução e aos que a ela recorrem. Mas essa utilidade, se for atendida, não é o ponto primordial deste trabalho. É verdade, em geral maior, a elaboração de alguns aspectos teóricos que surgem à tona no curso da prática. Desde que por "teoria" não seja entendido apenas "genera-ção de ideias", mas também "distanciamento". De forma que o campo de fatores interessado é a um tempo mais amplo e mais restrito que aquele de interesse em ser um manual de tradução e seus problemas. É mais amplo, porque abrange também alguns que não estão diretamente relacionados à prática, e é mais restrito, porque se dirige aos que são empregados por teoria. É o este tipo de fator vital que se dirigem as considerações expostas no curso deste trabalho. No pressuposto que algumas dessas considerações se lhe ocorrerem, e ne oportuno de contribuir algo para o seu esclarecimento. E que a partir de agora este tipo de consideração sabe que os proble- mas de tradução estão entre os mais fascinantes, e mais atuais, dos que preocupam o pensamento da humanidade.

Traduzir, para mim, não é um trabalho que se escolhe deliberadamente. Como o tradutor quer se propor traduzir um texto de uma para outra língua. Ao nos dar, foi lançado em situação bilingue. A prática de traduzir foi imposta sobre mim como uma das determinações do ambiente. Condições impostas pelo ambiente são tomadas, no instante, por naturais, já que a criança não dis- tingue entre natureza e cultura. De forma que sempre traduzi "naturalmen- te", e a tradução faz parte da minha "natureza". Os problemas da tradução não se dão, e sim, apenas como "objetivos". Não se também na in- trospecção, e esclareço-os pela parte da tarefa sociológica de conhecer-se a si mesmo. Há, na minha consciência, um aspecto dialético que não caracte- riza todas as consciências humanas. Tenho um lado alemão e um lado tcheco. Traduzir entre os dois lados é pois, em certo sentido, tentar superar uma dialética interna e encontrar-se a si mesmo. O ambiente bilingue impõe sobre a consciência uma auto-aliança estruturalmente remanescente da esqui- zofrenia, e a tradução adquirir, em tal ambiente, funções desalienadoras. E não é acaso fortuito ser feita o termo de uma "escola" linguística que é uma das fontes do estruturalismo da atualidade. Esta função desalienadora da tradução é um dos motivos deste trabalho.

Por certo: a situação bilingue não é, como tal, generalizável. A grande maio- ridade nasce, como que, para uma única língua. E se vir a aprender outras, a língua materna formará, via de regra, uma infra-estrutura para as aprendi- das. Será uma espécie de metalingua natural para as demais línguas aprendi- das ou a serem aprendidas. Traduzir, em tal situação, significa adquear a

Lingua sistema. Não haverá, em tal situação, a ausência de estrutura fundamen-  
 te, ausência essa que caracteriza a situação bilíngue. Mas a falta de funda-  
 mento, a "Bodenlosigkeit", que é vivenciada pelo indivíduo em situação bilín-  
 gue, é apenas aparentada, não aliada, ao estágio subestrutural por parte da língua  
 materna. Toda prática de tradução revela a limitação de competência da língua  
 materna, porque surgem sempre incompatibilidades entre línguas aprendidas e língua  
 materna, vai problematizando a língua materna como estrutura fundante. De tal  
 maneira que a prática de tradução vai esvaziando e excautando a solidão dos nove-  
 los do pensamento e do comportamento, já que vai revelando a sua relatividade  
 e as limitações de sua aplicabilidade. Esta língua reveladora da "Bodenlosigkeit"  
 não é de todo novata e outro motivo deste trabalho.

Uma fenomenologia da tradução deverá limitar e contrariar o que se cobra  
 de contar, e que é esta: a necessidade de traduzir revela os abismos entre  
 línguas, e a possibilidade de traduzir revela métodos de superá-los. Não o  
 bilíngue a tradução aparece como ponte sobre um abismo, para o monólogo como  
 revelação do abismo, já que o diálogo tende a ampliar de sua possibilidade,  
 e o segundo da sua necessidade. Ambos corrigem a sua tendência no curso da  
 prática. O bilíngue vai aprendendo os aspectos genéticos, o monólogo os es-  
 pecos específicos das línguas. Os problemas de tradução mostram parte o bi-  
 língue um substrato das línguas que é muito mais geral que aquele que ele sus-  
 ceta. Os mesmos problemas mostram parte o monólogo os horizontes das líng-  
 uas que são muito mais estreitas que aquelas que ele suscita. Este fun-  
 damento pedagógico da tradução é mais um motivo deste trabalho.

Não resta dúvida que as considerações dessa língua pedagógica evocam outras,  
 consagradas pela tradição da filosofia. Tem elas a ver com a dialética da  
 consciência, com a reflexão como superação dessa dialética, e com o trans-  
 cendente da consciência num sentido kantiano. Uma linguagem estrutural em-  
 pre a problemática estritamente filosófica e a problemática da tradução sugere  
 re instantaneamente a relação íntima entre ambas. O processo da tradução con-  
 ce o lugar correspondente do reflexo, a metalingua ocupa o lugar corres-  
 pondente ao da transcendência, e o resultado da tradução o lugar corresponden-  
 te ao da superação na estrutura da tradição da filosofia. Possivelmente seja  
 a preocupação com problemas da tradução apenas variante da preocupação com  
 problemas do pensamento. Especialmente estão convencido que essa é, mas não  
 pretendo transformar essa convicção em dogma. Apenas em hipótese operante.  
 E esta tentativa é outro motivo deste trabalho.

Segundo uma pista aberta por essa hipótese torna-se plausível afirmar que a  
 vivência da tradução é extraordinariamente apta para ser analisada sob os cri-  
 térios de determinação e de liberdade. Em outras palavras: no ato de traduzir  
 vivencio a minha liberdade e os limites da minha liberdade de maneira ~~particular~~  
 extraordinariamente acessível a análises formais, inclusive quantitativas. E  
 uma das partes vivências nas quais posso apontar, pelo menos em tese, um certo

Grav de existiu a sua componente arbitrária, e distinguindo-se de sua componen-  
to determinando. Os termos "liberdade e liberdade de tradução" denotam esta  
possibilidade. A hipótese que consideramos devolve a certos termos o conteúdo  
específico que perdura em contextos que traduzem como tradução, como a  
língua de tradução para língua. Mas a liberdade de valor se  
te insere na liberdade de tradução, e devolve-lhe a teoria da tradução e  
mais um novo trabalho.

A hipótese de equilíbrio de tradução com reflexo sugere uma aplicação dos  
significados conceituais dos termos "tradução" e "língua". O significado  
de "tradução" pode abarcar o significado de "interpretação", de "crítica"  
e de "reformulação em outro contexto". O significado de "língua" pode abarcar  
o significado de "língua", de "sistema simbólico" e de "jogo". A rela-  
ção entre língua e significado conceitual e reflexão nos termos pressu-  
ta, neste caso, para o exemplo específico de processos de tradução. Os  
problemas específicos deste tipo de tradução e exemplos específicos de pro-  
blemas de tradução. Este significado de jogo de problemas de tradução e  
outro novo trabalho.

É pois no contexto de jogos como os indicados que existe o domínio de  
problemas de tradução de alguns problemas específicos e tradução como  
concretos desde a tradução, e procura resolver seus problemas específicos e  
teoria em geral. Estes conceitos referem-se a uma constante de valor e equiva-  
lência que essas tentativas alcançam. Um conceito no qual os problemas e  
teoria, parte integrante dos campos chamados, convencionalmente, "teo-  
ria do conhecimento", "teoria da comunicação" e "crítica da arte". Invari-  
velmente, estes campos de investigação nos problemas de tradução, portanto em termos  
de uma problemática que, parte integrante, tem aspectos nitidamente existentes  
e, neste sentido, distintos. Delimitadamente de limitações específicas  
de alguma competência nestes campos. Mas outro a esperança de poder contri-  
buir, a respeito disto, para uma parcial limitação de alguns dos seus as-  
pectos, dada a especificidade de seu enfoque.

Neste momento pouco acadêmico, ou pelo menos híbrido, requer que invisto a  
um esclarecimento quanto ao método que pretendo seguir no curso de transla-  
ção. Digo "pretendo seguir", e ~~meu objetivo~~ não: "seguir", porque não me  
parece aos problemas considerados. Com este reserva pretendo aplicar um  
método fenomenológico aos problemas de tradução, aproximadamente no seguim-  
to a fim: procurar primeiro suspender todas as aplicações prévias ao  
fenômeno mesmo da tradução, tal como ele se processa na prática. Nessa fase  
negativa procurar primeiro expor essas aplicações, para depois abandoná-  
las. Na segunda procurar descrever o processo de tradução, tomando apenas  
e minha experiência como base. Nessa fase descritiva procurar evitar to-

de teorizá-lo, mas introduzindo, na descrição, uma teoria que já pressupõe uma teoria. É que não se pode observar qualquer objeto sem de prévio modo, por mais que queira reduzir o objeto a um sentido de prévio modo. Mas não se trata de uma redução que se faça por "objeto", mas sim de uma redução que se faça por "objeto". Na fase seguinte da exposição procurarei explicar o fenômeno de "objeto". Esta explicação que oferecerei não será uma teoria de tradução, mas apenas que contenha em si mesma uma teoria. Finalmente procurei explicar o processo de tradução, e explicar a explicação em exemplos tirados de peças de tradução, para ver, se o como funciona.

Na primeira e na terceira fase procurei a literatura que trata diretamente ou indiretamente dos problemas considerados. É óbvio que a maioria de literatura que utilizamos obedecerá a critérios impostos por não sermos nós que estamos em estado expulso de uma teoria de conhecimento construído a partir deste trabalho. Assim quanto relacionados os conceitos literários, literários e paratextuais de tradução de um lado, e os aspectos psicológicos e sociológicos do outro lado, há um segundo plano. É os aspectos psicológicos, ontológicos, éticos e estéticos sobre os quais se trata o processo de tradução, a natureza de certos fenômenos existenciais e deontológicos, que por falta de espaço não posso aqui desenvolver. Sobre influência do processo literário, veja a obra de "Literary Translation". Sobre influência do processo literário, veja a obra de "Literary Translation".

Na segunda e quarta fase deste trabalho procurei dar todo o trabalho por onde se possa chegar a uma compreensão da natureza da literatura. Mas confio que uma crítica a este trabalho não seja feita por aqueles que estão familiarizados com a literatura, mas com essa literatura já estou formulando um problema de uma teoria da tradução, portanto um objeto neste campo de estudo. Que seja suscitado.

O presente trabalho visa ser publicado no Brasil, portanto no contexto no qual a tradução tem função preponderante. Mas apenas no sentido acadêmico e científico de um contexto que depende, em grande parte, da tradução para a língua estrangeira. Mas no sentido mais fundamental de um contexto cujo destino é traduzir.

VILÉM FLUSSER

entre uma variedade heterogênea de figuras que lhe pertencem a forma,  
e não como esculpido "in vitro", que o presente trabalho que se torna  
trabalho na presente conjuntura. E hoje como sempre nesse conjuntura,  
cientemente sugere para permitir a esperança de alguma utilidade deste  
trabalho: concreto. Mas a desfeito das outras coisas é essa semelhança sufi-  
cientemente se encontra em situação bilíngue uma existência, e neste sen-  
tido é o fato de ser o Brasil um conceito, e neste sentido: abstrato, e  
devido que a semelhança que estabelece é feita em outros sentidos. E a  
deusa de auto-entendimento e desdobramento de personalidade.  
Algo que se escolhe. E algo imposto, e que precisa ser resolvido, sob  
Brasil, como para quem se encontra em situação bilíngue, e traduzido não é  
que que caracterizam como sendo a língua. A semelhança é entre: para o  
talmente. E não deixa de ser semelhante estrutural com o português bilíngue  
para a ver com o Brasil como país de língua e em busca de integração to-  
tal de particular-se em individualidade. Este sentido mais fundamental

Não resta dúvida: o fato da multiplicidade de línguas é extremamente in-  
 cômodo, e seria desejável se pudessemos ou negá-lo, ou explicá-lo, no sen-  
 tido de "explain it away" (que é o sentido dado ao termo "explicação" por  
 todos que consideram problemas explicados problemas resolvidos). De modo  
 que as considerações seguintes se propõem estas perguntas: (1) A multi-  
 plicidade de línguas é ou não é incombod? (2) A multiplicidade de lín-  
 guas é ou não é um fato? (3) A multiplicidade de línguas é ou não é ex-  
 plicável, (no sentido mencionado)? A sequência das perguntas sugere que  
 já se possui as respostas. A saber estas: Pergunta (1): não. Dal o não  
 tivô da pergunta (2), cuja resposta é: é. Dal o notivo da pergunta (3),  
 cuja resposta é: não é. Trata-se pois de perguntas retóricas, cuja fun-  
 ção é pedagógica e negativa: limpar o campo para perguntas genuínas, i.e.  
 perguntas nascidas da perplexidade.

(1) Multiplicidade de línguas: tomemos esta expressão, primeiramente,  
 em seu sentido óbvio e corriqueiro. Português e Inglês, suahili e dan-  
 tu. Em seguida, tomemos a expressão em sentido literalmente ampliado.  
 Kaperanto e Ido, Basic English e Koine, as várias línguas de computado-  
 res. Ampliamos ainda um pouco o campo de significado. Lógica aristoté-  
 lica e lógicas modernas, geometria euclidiana e geometrias não-euclidianas.  
 E neste campo ampliado mudemos de enfoque. Línguas primitivas e línguas  
 evoluídas, língua clássica e língua romântica, língua de Fernando Pessoa  
 e língua de Guimarães Rosa. Ou ainda: língua científica e língua poé-  
 tica, língua erudita e língua corriqueira, língua pictórica e língua mu-  
 sical, língua profana e língua religiosa. Ou, radicalizando: men portu-  
 gues e ten portugues, minha pintura e tua pintura, meus sonhos e teus  
 sonhos. Os exemplos citados chamam por definição do termo "língua", já  
 que, aparentemente, o significado desse termo não foi apenas ampliado,  
 mas modificado, durante a enumeração dos exemplos. Que seja ignorado  
 esse clamor, e que se já deretida a tentativa de definir "língua" para  
 um contexto mais apropriado neste trabalho. O propósito de enumerar  
 de exemplos é modesto e limitado, e prescinde de análise de validade dos  
 exemplos. Estes: ilustrar o incombodo da multiplicidade de línguas, qual-  
 quer que seja a definição que queiramos dar ao termo "língua".

O incombodo tem um lado prático que tem a ver com comunicabilidade. O fa-  
 to de se falar nos Estados Unidos línguas diferentes da falada no Brasil  
 dificulta a comunicação entre ambos; o fato de a física atual recorrer  
 a geometrias não euclidianas no curso secundário dificulta a comunicação  
 entre física e leigos; e o fato de tu falares outro português que eu di-  
 ficulta a comunicação entre pessoas. Mas este tipo de incombodo pode ser  
 aliviado como desejo estimulante, e a multiplicidade de línguas como  
 riqueza. Vamos aprender Inglês, ou COBAL, ou Lobatchewski, e ampliar-  
 nos o nosso campo. Mas será o lado prático do incombodo da multiplicidade  
 de línguas que será considerado no que se segue.

A multiplicidade de línguas é um fato incómodo por seus aspectos técnicos e isto mais especialmente numa época como a nossa, na qual o método dito estrutural está sendo aplicado a campos os mais diversos. É incómodo, porque parece querer desatir e problematizar alguns dos pressupostos fundamentais do estruturalismo. É já que o estruturalismo pode ser um método relativamente novo, mas os seus pressupostos fundamentais são certamente antiquíssimos e consagrados pela tradição da nossa cultura, a multiplicidade de línguas é um fato incómodo, porque parece querer desatir e problematizar esses pressupostos consagrados. E o pressuposto mais ameaçado é este: tudo é sistematizável. Discutirei primeiro o pressuposto, e depois a ameaça que para ele representa a multiplicidade de línguas.

O pressuposto "tudo é sistematizável" pressupõe, em primeiro lugar, que é possível ordenar fenômenos em grupos, e pressupõe, em segundo lugar, que é possível ordenar os fenômenos nos grupos. Em outras palavras: o pressuposto pressupõe uma hierarquia de sistemas. O próprio termo "hierarquia" ordena sacra" sugere que se trata de pressuposto consagrado. Henri LeFebvre, na sua crítica a Lévi-Strauss, chama a este pressuposto "leatismo". Com efeito, Parinides é uma bela ilustração da aplicação do pressuposto. Mas por certo Heráclito não o é menos, e se o estruturalismo for considerado elétrico e o marxismo heraclítico, ambos por certo participam do mesmo pressuposto. Porque ambos sistematizam e ambos hierarquizam. E com eles quase todos, os pensamentos do Ocidente. Apenas o estruturalismo se torna plenamente consciente do fato.

O pressuposto é, com efeito, uma negação ao caos e ao absurdo. Ao sistematizar ordena, e ao hierarquizar dá sentido. Não nega, necessariamente, o caos e o absurdo como dados, mas nega, necessariamente, o caos e o absurdo do como dados inalteráveis. "Tudo é sistematizável" pode ser lido assim: "O caos e o absurdo são superáveis pela sistematização, que lhes confere a ordem e sentido". Se lido assim, não fundamenta apenas toda uma série de teorias de conhecimento, mas também de teorias de valores. Com efeito fundamenta quase todas as teorias de conhecimento e de valores da nossa cultura.

Ao negar o caos e o absurdo, nega o pressuposto intervalos e cruzamentos entre sistemas, e nega a reversibilidade da ordem entre sistemas. Não os nega, necessariamente, como dados, necessariamente, intervalos, cruzamentos e dados inalteráveis. Aceita, (se os aceitar), intervalos, cruzamentos e reversibilidade como falhas da sistematização, falhas a serem superadas. Porque se aceitasse intervalos, teria aceite a penetração do caos na ordem. Se aceitasse cruzamentos, teria aceite a superposição do caos sobre a ordem. E se aceitasse reversibilidade, teria aceite o absurdo do sentido. Aceitar tudo isto como inalterável, seria aceitar a inutilidade de toda sistematização como atitude radical, e isto implica num abandono do pressuposto. E o pressuposto quer-se radical, isto é: quer-se como atitude teórica e prática ante o mundo.





VILÉM FLUSSER

A primeira contribuição de Vilem Flusser a este debate é a sua tentativa de estabelecer uma teoria da linguagem que seja capaz de lidar com a complexidade da linguagem humana. Para ele, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também uma forma de pensamento. Ele argumenta que a linguagem é um sistema de signos que se organiza de acordo com certas regras e que, portanto, pode ser analisada e compreendida. Flusser defende que a linguagem é um sistema aberto, ou seja, que ela é capaz de se adaptar e evoluir constantemente. Ele também afirma que a linguagem é um sistema de signos que se organiza de acordo com certas regras e que, portanto, pode ser analisada e compreendida.

VILEM FLUSSER

campo do aparente. Não é, pois, negada a multiplicidade de línguas na aparência, mas é afirmada a única língua na realidade.

A teoria da tradução assume, em tal contexto, a função de salvaguarda, no sentido de libertação do aparente e desvelamento da realidade. Traduzir, neste contexto, é reduzir, a saber: reconduzir as várias línguas das opiniões para a única língua da sabedoria. O método dessa tradução redutiva é a recordação, (mética), das ideias originais, das quais os elementos das múltiplas línguas são profecias, (sombra). O motivo dessa tradução redutiva é a busca da sabedoria, (filosofia). A meta da tradução redutiva é a desalienação, por reintegração no sistema único, fechado, e inatual que fundamenta tudo, portanto: na realidade. O dia-tonismo, tomado como teoria da tradução, é um realismo linguístico, no sentido de postular uma única língua fundante como "a realidade". E, se vistos sob o mesmo prisma, são outros sistemas, como o aristotélico e o tomista, variações da mesma teoria.

O crucial nessa teoria é, para as finalidades das presentes considerações, a concepção da tradução como redução sobre um sistema fechado e inatual. A abertura e mutabilidade das múltiplas línguas aparentes são tomadas como sintomas patológicos, e a sua redução sobre o sistema fechado e inatual como terapia. O tradutor, no seu destarce como filósofo, (ou teólogo), é, neste sentido, o "médico da alma". Uma tal concepção permite a elaboração de ontologias, teorias de conhecimento e de valores, (por exemplo organismos e sumas). Ao negar a multiplicidade de línguas "reais", E, no presente enfoque, esta é a sua finalidade.

A teoria é insustentável por várias razões, e o fato de ser ela falsificada pela clonagem. A primeira dessas razões é o fato de ser ela falsificada pela tradução como praxis. Porque, se a teoria fosse válida, a praxis da tradução de não importa que língua para não importa que língua deveria dar-se da seguinte maneira: E dado ao tradutor um texto. O texto é composto de elementos que são sombras de ideias. O tradutor deve recordar, de modo a método metódico, essas ideias. Verificadas as ideias, (isto é: verificadas o "verdadeiro sentido" do texto), deve buscar o tradutor elementos nos na segunda língua que são sombras das mesmas ideias. Deve assim produzir um texto na segunda língua que é tradução do primeiro texto. Traduzir, de acordo com esta teoria, é reduzir o texto de uma língua aparente para a língua real, e, em seguida, reprodutir o texto de língua real para outra língua aparente. Mas, conforme será demonstrado em outro ponto destas considerações, a praxis da tradução não procede desta forma. O método metódico não é apenas impraticável, mas ainda inteiramente dispensável, na tradução como praxis. A tese de uma língua única e sustentada todas as línguas é pois, para a praxis da tradução, hipótese supérflua e inoperante. Deve ser abandonada.

Uma outra razão que torna insustentável a teoria é esta: a teoria supõe que todo sistema aberto pode ser reduzido sobre um sistema fechado. Mas não é muito difícil mostrar que tal suposição é um erro. Não importa que sistema aberto pode, no decorrer da sua expansão, abarcar não importa que sistema fechado. Não importa que língua aparente, (por exemplo o português), pode abarcar a totalidade da língua única postulada como real pelo platonismo. Neste caso haverá, no português como sistema, textos reduzíveis à língua das idéias, (isto é: textos que ocorrem nos lugares que abarcam essa língua). E haverá textos irreduzíveis à língua das idéias, (isto é: textos que ocorrem nos lugares que abarcam essa língua). E haverá textos irreduzíveis à língua das idéias, (isto é: textos que ocorrem nos lugares que abarcam essa língua). E haverá textos irreduzíveis à língua das idéias, (isto é: textos que ocorrem nos lugares que abarcam essa língua).

Tais textos irreduzíveis deverão ser tomados, por esta teoria, como "sem sentido", e portanto irreduzíveis. (já que traduzir é reduzir à língua das idéias). Mas se for admitido que a língua aparente é mais ampla que a língua real, e que ela inclui a língua real, foi admitido que a língua aparente é mais competente que a língua das idéias. Por isto a teoria limita a competência das línguas aparentes, e é, por este razão, insustentável. É uma "mã" teoria. E reaparece a multiplicidade de línguas como um fato "real", (e uso apenas aparente), enquanto multiplicidade de competências que ultrapassam a competência da língua das idéias. A teoria deve ser abandonada.

Uma terceira razão que torna insustentável a teoria é esta: dada a identidade da língua real e língua aparente. Na redução da língua aparente (back) para a língua real, a língua real não se altera. As línguas aparentes são projeções, (sombra), da língua real, mas não se projetam sobre ela. No fundo, esta irreversibilidade é o critério da distinção entre aparente e realidade. Se as línguas aparentes incluem, no decorrer das suas aberturas, elementos novos, (ruidos), a revelação da língua real, essa inclusão se revela única na sua redução para a língua das idéias. Nessa redução os elementos novos são eliminados, voltam a ser ruidos. Mas não é muito difícil mostrar que esta concepção de "sabedoria eterna e imutável" é vã e vãcia. Elementos introduzidos em línguas aparentes à revelação da língua das idéias passam a funcionar, no sistema dessas línguas, quais elementos autênticos e aumentam a competência dessas línguas. Admitir que continuam ruidos, porque não são sombras de idéias, é afirmar que são

"símbolos vazios". Por exemplo: o elemento "gen", ou o elemento "anti-  
 proton" são símbolos vazios, porque na redução para a língua real são  
 eliminados. Não passam de construções auxiliares e provisórias, a serem  
 superadas na tradução, que é a passagem da opinião como a sabedoria. Co-  
 mo já foi superado o elemento "éter", por exemplo. "Tal afirmação é váci-  
 osa, porque faz do pressuposto critério de julgamento. O último pressu-  
 po é que há, nas línguas abertas, elementos "significativos", (que são  
 símbolos de laços), e elementos "vazios", (que não são símbolos). E de-  
 pois distingue entre tais elementos pela sua raduzibilidade sobre línguas  
 e deixa indeterminados os elementos que não são reduzidos. Como critério  
 de significado ou não significado de elementos nas línguas abertas a te-  
 oria é pois dogmática e inoperante. Afirma dogmaticamente a realidade ou  
 irreabilidade do significado de "éter" ou "gen" por circularidade viciosa.  
 As línguas abertas ignoram tais distinções soberanamente, ao operarem  
 com um império que elemento introduzido, de acordo com as suas regras.  
 E eliminam elementos, (como o elemento "éter"), sob critérios independentes  
 dos do critério desta teoria. Com efeito: para o funcionamento das lín-  
 guas abertas enquanto sistemas abertos que incluem ou excluem elementos  
 a língua real enquanto sistema fechado é inexistente. (Eis um ângulo pa-  
 ra a compreensão da razão, pela qual Nietzsche chamava o platonismo de  
 "nihilismo"). Sob este prisma da falta de feed-back a tentativa de ne-  
 gar a multiplicidade de línguas resulta em inversão: as múltiplas línguas  
 passam a ser "reais", e a língua única ficção insustentável. A teoria é  
 viciosa e deve ser abandonada.  
 Outras razões em prol da insustentabilidade da teoria poderiam ser dadas.  
 Mas para as finalidades limitadas destas considerações a teoria é dada  
 por abandonada. Reptamos: não foi, por certo, "retirado" o platonismo  
 e sistemas semelhantes. Foi tentada a refutação da teoria da tradução  
 implícita em tais sistemas. Não se diga, no entanto, que tal tentativa  
 é superflua, já que ninguém a aplica atualmente em traduções como praxis.  
 Pode não aplicá-la, (já que é inaplicável). Mas muitos procuram explicar  
 sua praxis por esta teoria. Dizem que traduzem "as ideias do texto". E  
 tomam essas "ideias" como idênticas em textos de duas línguas diferentes.  
 E contra esse platonismo, (ou aristotelismo ou tomismo), implícito em mu-  
 ta teoria da tradução atual que estas ~~XXXXXXXX~~ argumentações se dirigem.  
 Procuram explicitá-lo.

Em suma: a teoria da tradução, implícita no platonismo, e que procura negar  
 a multiplicidade de línguas, é insustentável. A despeito dela, a mul-  
 tiplicidade de línguas continua sendo fato.

(11) O segundo exemplo de tentativa de negar a multiplicidade será o sis-  
 tema cartesiano e sistemas semelhantes. E ele resultará, em parte, de  
 considerações como as expostas, mas procura salvar a língua única e des-  
 peito disto. Para tanto abre mão do predicado "real" para a língua uni-